

Microscopio

Raul Pila

(Deputado pelo Partido Libertador). 11, p. 46

Surge agora em França uma corrente presidencialista. Quem a encabeça? Charles De Gaulle, cujas tendências bonapartistas são bem conhecidas. Ele foi o símbolo da resistência, mas é também, o chefe da reacção que pretende reviver o cesarismo. A sua sede de poder não passou despercebida ainda aos mais desatentos observadores.

É sintomático: toda vez que se pretende um governo forte, isto é, mais ou menos ditatorial e despótico, é ao sistema presidencial que se recorre. Assim foi em França, com Luiz Napoleão, cuja constituição se inspirou nas instituições políticas norte-americanas; assim foi na Alemanha após a morte de Hindenburg, quando o nazismo foi buscar nos Estados Unidos o modelo para reunir na mesma pessoa — Hitler — as funções de chefe de Estado e chefe de governo; assim estão tentando os gaulistas novamente, na França, a fim de entregar aquele generoso povo às desgraças do despotismo.

É, pelo contrario, ao parlamentarismo que recorrem os povos, quando realmente desejosos de realizar a democracia representativa. Assim sucedeu, agora, na Italia, onde morreu sem eco a proposta presidencialista. Assim aconteceu na propria França, apesar do enorme prestigio pessoal do general De Gaulle, pois, manteve, em suas linhas gerais, o sistema parlamentar.

Por certo, não foi perfeito o funcionamento do sistema na França; mas não o foi, justamente, por causa das deformações nele introduzidas. Não o será também, agora, por análogas razões. Adote-se, porém, o modelo clássico, tal como foi criado pelo génio político da Inglaterra, e o sistema funcionará com extrema regularidade. O que não se deve, num mecanismo perfeito, é tirar, modificar ou acrescentar peças, a pretexto de melhorá-lo; ou ainda, substituí-lo por um imperfeitíssimo.